

FH recua nas críticas ao Congresso

Governistas avisam que o presidente terá que negociar com grupos para aprovar reformas

Adriana Vasconcelos, Cristiane Jungblut e Lydia Medeiros

● BRASÍLIA. Diante da reação de parlamentares aliados, o presidente Fernando Henrique deu ontem o primeiro sinal de recuo nas críticas ao *lobby* no Congresso. Segundo o porta-voz da Presidência, embaixador Sérgio Amaral, o presidente não fez qualquer crítica ao Legislativo brasileiro, mas sim uma análise, como cientista social, sobre a fragmentação social e o corporativismo na sociedade moderna.

A declaração do porta-voz foi feita depois de um dia de reações indignadas no Congresso, onde os parlamentares quebraram o recesso branco da semana de carnaval para discursar em protesto contra o gesto de Fernando Henrique.

— O presidente falou como intelectual e sociólogo. Disse que na sociedade atual há duas tendências: a fragmentação e o corporativismo. Antes de ser uma crítica, é a constatação de uma realidade, de que há agrupamentos de interesses específicos na sociedade — disse o porta-voz. No discurso em que atacou o corporativismo, no México, o presidente se referiu à atuação de bancadas na Câmara, citando a dos agricultores.

Aliados do Governo dizem que o presidente mexeu num vespeiro. Reconhecem que Fernando Henrique já foi obrigado a negociar com as bancadas que representam interesses no Congresso para aprovar a maioria de seus projetos até agora. E apostam que o presidente terá que fazer algum esforço para acalmar os ânimos, já que não poderá abrir mão desses votos nas próximas votações. Integram a bancada ruralista, por exemplo, 138 deputados, ou 26,9% dos votos da Câmara.

— Coitado do presidente se ele não negociar. Os grupos de interesse se fortalecem cada vez mais porque os partidos são muito heterogêneos. Quando os ruralistas se juntam, por exemplo, não tem líder que segure — diz o deputado Pauderney Avelino (PPB-AM), um dos integrantes da bancada amazônica, grupo que reúne cerca de 80 deputados.

Bancada ruralista é a mais organizada no Congresso

A bancada ruralista, auto-denominada Frente Parlamentar da Agricultura, é sem dúvida o grupo mais organizado do Congresso. Depois de mostrar força na Assembléia Nacional Constituinte e nas votações da reforma agrária, a bancada deixou claro seu poder de fogo quando derrubou um veto presidencial, ano passado, conseguindo eliminar a TR como indexador dos financiamentos agrícolas. Para renegociar as dívidas do setor, os ruralistas jogaram duro e ameaçaram não apoiar o Governo em várias ocasiões, como a votação da quebra do monopólio das telecomunicações. Diante da pressão, o Governo terminou se rendendo às propostas do grupo, renegociando as dívidas dos agricultores por sete anos a juros subsidiados.

A Comissão de Economia da Câmara é o berço de grande parte dos grupos de pressão do Congresso. Ano passado



FERNANDO HENRIQUE: críticas ao corporativismo no Congresso Nacional repercutem mal entre parlamentares aliados e acabam sendo desmentidas por porta-voz da Presidência

se articularam a Frente Parlamentar do setor coureiro-calçadista, a Frente Parlamentar do sistema ferro-metroviário, o *lobby* do pneu usado do setor têxtil. Tiveram sucesso: foram elevadas as alíquotas de importação de calçados e tecidos, além de obtidos subsídios.

Apesar de o presidente insistir na

idéia de que suas declarações não foram mais que a constatação de uma realidade, o estrago no Congresso foi grande. O presidente do Congresso, senador José Sarney (PMDB-AP), reafirmou ontem que as declarações do presidente foram inoportunas:

— Sabemos perfeitamente que o Con-

gresso, como toda a sociedade, é constituído por grupos de pressão. Essa é a tese mais clara e de maior afirmação entre os sociólogos. Já que estamos falando em teoria, quando os grupos de pressão também querem exercer o poder, eles acabam prejudicando os partidos.

Segundo o porta-voz Sérgio Amaral,

os que criticaram o presidente não tiveram acesso ao texto de seu discurso. Ele informou que o presidente não telefonou para Sarney para explicar seu ponto de vista, apesar das declarações do senador considerando inoportuna a fala de Fernando Henrique no México.

— Ele não ligou porque não achou necessário. Se tivesse feito uma crítica, isso seria procedente, mas o presidente jamais faria isso — disse o porta-voz.

Sarney acrescentou que Fernando Henrique deve ter compreendido que não deveria ter feito críticas ao Congresso e lembrou um projeto do vice-presidente Marco Maciel, ex-senador, propondo a regulamentação da atividade de lobistas no Congresso. O projeto, aprovado no Senado mas considerado inconstitucional pela Câmara, em 1990, previa o credenciamento junto às Mesas da Câmara e do Senado de pessoas que atuam em defesa de interesses empresariais ou corporativistas.

Na Câmara, os discursos contra as idéias do presidente foram duros:

— Lamentamos demais que o presidente, em país estrangeiro, tenha o desprazer de chamar essa Casa de uma Casa de lobistas e não tenha tomado nenhuma iniciativa para debelar esse tipo de atitude. Se há algum lobista no Brasil, e se ele estiver instalado na Praça dos Três Poderes, é possível que o endereço seja outro que não o Congresso — acusou Marcelo Deda (PT-SE). ■